

Capítulo 9

Deus, Divindades e Poder Ancestral

onde se discorre a respeito da concepção de Deus e da etimologia da palavra orixá; apresentam-se dados sobre algumas das principais divindades do panteão iorubá e sobre o Poder Ancestral

Olodumare - a respeito de Deus ¹

Deus possui muitos nomes, sendo o mais antigo Olodumare ou Edumare. A palavra Olodumare constitui contração de *Ol'(Oni) odu mare (ma re)*, o que significa *Ol'(Oni) = senhor de, parte principal, líder absoluto, chefe, autoridade/ Odu = muito grande, recipiente profundo, muito extenso, pleno; Ma re = aquele que permanece, aquele que sempre é; Mo are = aquele que tem autoridade absoluta sobre tudo o que há no céu e na terra e é incomparável; Mare = aquele que é absolutamente perfeito, o supremo em qualidades.*

Alguns outros nomes de Deus são: Olorun, contração de *Ol' = Senhor / Orun = céu, significando Senhor do Céu; Orise* contração de *Ori = cabeça / Se = origem, significando fonte da qual se originam os seres ou fonte de todos os seres; Olofin-Orun, contração de Olofin = rei / orun = céu, significando Senhor do Céu; Olori, contração de Oni = Senhor / ori = cabeça, significando Senhor de tudo o que é vivo.*

São atributos do Ser Supremo: Único, Criador, Rei, Onipotente, Transcendente, Juiz e Eterno. É considerado *Oyigiyigi Ota Aiku* - a poderosa, durável, inalterável rocha que nunca morre. Não recebe cultos diretamente, porém sempre que uma divindade é cultuada a oração inicia por *A se (axé): Possa Deus aceitar isso.*

***Irunmale* - Orixás e Ancestrais**

As entidades que habitam a dimensão supra-sensível são denominadas *irunmale* e entre elas incluem-se os *irunmale-divindades*, associados à criação e cujo axé advém de emanações diretas de

¹ Fonte bibliográfica: Awolalu & Dopamu, 1979

Olodumare e os *irunmale-ancestrais*, associados à história dos seres humanos. Os ancestrais masculinos, *irunmale-ancestres da direita - Baba-egun* - têm sua instituição na Sociedade *Egungun* e os femininos, *irunmale-ancestres da esquerda - Iya-agba* ou *Iyami* - têm sua instituição nas Sociedades *Gelede* e *Egbe eleeko*. Os ancestrais masculinos têm representações individualizadas enquanto os femininos, exceto em ocasiões bem extraordinárias, são agrupados no singular *Iyami* (minha mãe), tema a ser abordado adiante. A fórmula de invocação dos *irunmale* diz:

*Os quatrocentos irunmale do lado direito
e os duzentos irunmale do lado esquerdo²*

Os orixás, *irunmale*-divindades, estão relacionados à estrutura da natureza enquanto os *irunmale*-ancestrais vinculam-se mais especificamente à estrutura da sociedade. Os antepassados são genitores humanos e os orixás, genitores divinos. O orixá representa um valor e uma força universal e *egun*, um valor restrito a determinado grupo familiar ou linhagem. Aquele define a pertença do ser humano à ordem cósmica e este, sua pertença a determinada estrutura social. Segundo Elbein dos Santos (1986), os orixás regulam as relações com o sistema como totalidade, enquanto os *egun* regulam as relações, a ética e a disciplina moral do grupo.

Orixás

Os orixás são, segundo Awolalu e Dopamu (1979), deuses com d minúsculo. Emanações do Ser Supremo, dele possuem atributos, qualidades e características e têm por propósito servir à vontade divina no governo do mundo. Algumas destas divindades são primordiais, isto é, participaram da criação do mundo; outras são ancestrais que por suas

² Segundo a interpretação apresentada por Elbein dos Santos (1988:74), 200 é um número simbólico cujo significado é *grande quantidade*. Nas referências feitas à grande quantidade de seres espirituais, agrega-se o 1 e fala-se em 201, representando esta unidade, Exu, que veicula o axé entre todos os elementos do sistema

vidas exemplares³, foram deificados e outras personificam forças e fenômenos naturais.

Entre as divindades primordiais figuram, por exemplo, Orixalá, também chamado Obatalá ou Oxalá; Orumilá, também chamado Ifá e Exu, conforme se pode ver no mito cosmogônico⁴. Entre os ancestrais deificados figuram Xangô, o quarto rei de Oyo, identificado com Jakuta, a primitiva divindade dos raios, relâmpagos e trovões. Personificando fenômenos e forças naturais, há milhares de espíritos, associados às montanhas, montes, rios, rochas, cavernas, árvores, lagos, riachos, florestas. Como por exemplo, o monte rochoso Olumo, de Abeokuta, a quem os *egba* atribuem a ajuda diariamente recebida.

Os nomes dos orixás são descritivos, informando sobre sua natureza, caráter e funções ou possibilidades. Por exemplo, Jakuta, *aquele que briga com pedras*, é a divindade do raio e com raio pune os faltosos; Olokun (Ol' = *Senhor* / okun = *mar*) é o *Senhor do mar*; Xapanã (*soponna* = varíola) é a divindade que pune com varíola, ou promove sua cura. De quantas divindades se compõe o panteão? Em Ile-Ifé, Idowu foi informado que o conjunto soma 200, sendo o rei de Ifé considerado a 201^a, o que perfaz um total de 201. Outras fontes orais referem-se a um total de 401, 600, 1060, 1440 ou ainda, 1700.

Em cada localidade o panteão é regido por uma arqui-divindade - o ser espiritual mais importante abaixo de Deus. As divindades são simultaneamente boas e más, podendo trazer felicidade ou infortúnio aos homens.

A palavra orixá é de etimologia obscura. Entre as inúmeras tentativas de elucidação de seu significado, inclui-se um mito apresentado por Idowu, que transcrevo a seguir: Olodumare designou Orixá para vir ao mundo com Orumilá. Passado algum tempo, a arqui-

3 Talvez seja oportuno assinalar que o conceito de *vidas exemplares* também obedece à relatividade de valores culturais. O que se considera *vida exemplar* no Cristianismo, por exemplo, é muito distinto da *vida exemplar* no quadro referencial iorubá. Diferem as virtudes morais segundo o contexto cultural

4 . Vide Capítulo 5

divindade quis possuir um escravo. Dirigiu-se ao mercado de escravos em Emure e comprou um, de nome Atowoda, *aquele que alguém traz sobre a própria cabeça*. Prestativo e eficiente, trazia muita satisfação ao seu senhor. No terceiro dia de convivência Atowoda pediu a Orixá que lhe cedesse uma porção de terra para cultivo próprio. Teve seu pedido atendido e tornou-se proprietário de terras na encosta da montanha que ficava próxima à casa de Orixá. Em apenas dois dias de trabalho limpou o mato, construiu uma cabana e cultivou uma fazenda, deixando seu amo muito bem impressionado. Mas o coração de Atowoda não era bondoso e nele germinou o desejo de destruir o amo. Procurando a melhor maneira para realizar seu intento, maquinou um plano: havia na fazenda grandes pedras e uma delas poderia, em momento oportuno, ser deslocada do alto da montanha, de modo a rolar morro abaixo e cair sobre Orixá. Escolhida a pedra adequada, preparou-a para que pudesse ser facilmente deslocada. Uma ou duas manhãs depois, Orixá encaminhou-se para a fazenda. Atowoda o espreitava sem esforço, pois seu senhor vestia roupas brancas, destacando-se, nítido, na paisagem verde. No momento oportuno, Atowoda movimentou a pedra e a arquidivindade, entre surpreso e aterrorizado, não teve como escapar e sucumbiu sob o peso da pedra, partindo-se em muitos pedaços, que se espalharam por toda parte.

A história não termina aí: Orumilá tomou conhecimento do ocorrido e, servindo-se de certas práticas ritualísticas recolheu os pedaços de Orixá numa cabaça: *Ohun-ti-a-ri-sa - o que foi encontrado e reagrupado*. Alguns pedaços foram levados a Iranje, lugar de origem da arquidivindade e outros foram distribuídos por todas as partes do mundo. A palavra Orixá seria, pois, contração de *Ohun-ti-a-ri-sa* e esse teria sido o início do culto em todo o mundo. Este mito sugere que originalmente Orixá era uma unidade da qual decorreram todas as divindades. Sugere também que o Uno manifesta-se no múltiplo e que aquilo que é dividido será um dia reagrupado.

Segundo outra interpretação, a palavra *orisa* seria uma corruptela da palavra *orise*, contração de *Ibiti-ori-ti-se*, ou seja, *origem* (ou *fonte*)

dos *ori*, designação do Ser Supremo. Esta interpretação enfatiza a íntima participação das divindades na obra de Deus na terra. Os orixás são designados por muitos outros nomes, entre os quais, *Imale*, palavra talvez originária da contração de *Emo-ti-mbe-n'ile*, que significa *seres supra-normais na terra*.

Quais são os principais orixás e qual a hierarquia estabelecida entre eles? Algumas divindades são cultuadas por toda a terra dos iorubás. Outras são particularmente reverenciadas nesta ou naquela região. Assim, a divindade prioritariamente cultuada em determinada localidade, como Oxum em Osogbo, por exemplo, torna-se a líder do panteão local.

Selecionar algumas dessas divindades para apresentação e, em seguida escolher os traços mais significativos de cada uma delas, traços suficientes para caracterizá-las, constitui tarefa árdua pois os dados são numerosos e sua articulação, complexa. Espero que os orixás não mencionados, seus devotos e simpatizantes, possam desculpar a lacuna. Peço-lhes que não a interpretem como sinal de irreverência, descaso ou desrespeito.

Exu⁵

Exu Odara omokunrin Idolofin

Exu Odara, o homem forte de Idolofin

Paapa-wara; A tuka mase isa

O apressado, o inesperado

Ele, que quebra em fragmentos que não se pode juntar

Exu é personagem controversa, talvez a mais controversa de todas as divindades do panteão iorubá. Para alguns é considerado como não exclusivamente mau, enquanto para outros é tido como a própria personificação do Mal⁶. Segundo Dopamu (1990), a maioria dos iorubás compartilham a opinião de que Exu personifica o Mal e

5 Fontes: Idowu, 1977; Abimbola (1975, 1976); Awolalu & Dopamu, 1979; Dopamu, 1990

6 Remeto o leitor particularmente interessado por este tema aos trabalhos de Abimbola (1975, 1976), Idowu (1977), Awolalu & Dopamu (1979) e Dopamu (1990)

atribuem a ele a responsabilidade por situações de briga, perigo, confusão, tumulto, má conduta e loucura. É comum ouvirmos um iorubá orando *Oloorun ma je ki a ri ija Esu - Possa Deus nos ajudar a evitar o combate com Exu..*

No mito cosmogônico *Exu* figura como *responsável pela conservação do axé, o grande e divino poder com o qual as divindades realizam seus feitos sobrenaturais.* (Abimbola, 1976). Em outros mitos, mostra-se freqüentemente associado a Orumilá. Vejamos um desses mitos, transcrito por Dopamu (1990):

Um dia *Exu* recebeu de Orumilá 120 mil búzios⁷ economizados e prometeu negociar com eles. Mas como desejava ver o trabalho de seu companheiro arruinado, com esse dinheiro comprou uma velha e a trouxe para ele. Não passaram três dias e a velha morreu. Mas Orumilá, conhecendo muito bem as intenções maldosas de *Exu*, aceitou o incidente com calma e providenciou rituais fúnebres com todas as honras para a falecida. Pois bem. A velha era mãe de dois grandes reis - o *Oba* de Ibini (Benin) e o *Oba* de Oyo, que estavam procurando-a por toda parte, preparados para pagar por ela um resgate real. Ao tomarem conhecimento do ocorrido, compraram de Orumilá o cadáver da mãe por incontáveis bolsas de búzios. Assim, *Exu* não conseguiu criar obstáculos no caminho de Orumilá.

Outro mito esclarecedor a respeito das relações entre essas duas divindades o seguinte: Certa feita, Orumilá sofreu a ingratidão das pessoas do mundo e partiu para o céu, levando um feixe de varas e lamentando o ocorrido. No caminho encontrou *Exu* que lhe perguntou para onde ia. Ouvindo o relato, *Exu* considerou que, se os seres humanos podiam dizer coisas tão feias contra Orumilá, sempre tão generoso para com eles, o que não diriam dele próprio, sempre tão cruel? Então, acompanhou o amigo até o céu, carregando o feixe de varas para ele e lá chegando, ao ver as pessoas do mundo irou-se. Pegou algumas varas e começou a bater nelas. As pessoas clamaram a *Olodumare* por ajuda, dizendo que o promotor de desordens as havia

⁷ Os búzios eram usados como moeda corrente

seguido até o céu para matá-las. Olodumare enviou seus mensageiros para deter Exu e perguntou a Orumilá por que se recusara a proteger as pessoas entregues a seus cuidados. Este defendeu-se dizendo que Exu era responsável por todos os distúrbios do mundo e que dera, no céu, apenas uma demonstração de seu comportamento habitual na terra. Exu disse às pessoas que Orumilá as protegia no mundo mas não poderia protegê-las no céu. Então Olodumare disse a Orumilá que não levasse mais Exu ao céu e que cuidasse pessoalmente do bem-estar das pessoas no mundo. Aqui vemos Exu como gerador de distúrbios, dotado de poder para promover discórdias controláveis somente por Olodumare através de Orumilá (Dopamu, 1990).

Para Dopamu, *Exu é o inimigo invisível* do homem que, ardiloso e hábil, arremete sem descanso. Ao descrever as relações entre o homem e essa divindade, usa termos como *estratégia* e *inimigo*, denotando uma luta travada entre o Bem e o Mal, em dois campos de batalha articulados: o visível, na vida de relações sociais e o invisível, no íntimo da cada ser humano: *Exu é uma realidade externa, bem como um demônio psicológico em nós*. Embora Dopamu⁸ o considere como uma entidade exclusivamente malévola, outros autores o descrevem como uma divindade simultaneamente malévola e benévola (desde que receba seu tributo).

Seu santuário é geralmente construído fora da cidade ou da aldeia, podendo também ser encontrado em albergues para estrangeiros e encruzilhadas. É simbolizado por uma laje de pedra ou pedaço de laterita bruta enterrado obliquamente no chão. Às vezes é simbolizado por uma imagem feita de barro ou madeira. Cultuado e aplacado por toda a terra iorubá, aceita em sacrifício búzios, galos, cachorros e bodes, bem como uma parte dos sacrifícios oferecidos às demais

⁸ Cabe observar o fato de ter havido uma mudança na opinião desse autor a respeito da natureza de *Exu*. Na obra escrita em co-autoria com Awolalu, Dopamu mostra-se de opinião que *Exu* não deve ser inteiramente identificado com o Satã das Escrituras cristã e muçulmana, por possuir caráter duplo, portanto, com traços de benevolência. No decorrer de seus estudos sua opinião se modifica e a obra *Exu, o inimigo invisível do Homem* - publicada em 1990 em português, por esta editora, constitui uma espécie de "retratação pública", conforme podemos ver no prefácio da obra referida

divindades. Em algumas regiões realiza-se festivais anuais em sua homenagem, ocasião em que as pessoas lhe pedem bênçãos para a agricultura e proteção contra o mal.

Oxalá⁹

Aiye won a toro bi omi a-foro-pon!

*Suas vidas serão puras e lípidas
como água apanhada na nascente,
logo cedo pela manhã!*

Oxalá, também chamado Obatalá e Orixalá (Orisa-nla), é a divindade criadora, incumbida pelo Ser Supremo de criar a terra sólida, povoá-la e modelar a forma física do homem, sendo por isso, freqüentemente descrito como o representante de Olodumare na terra. Oxalá possui outros nomes descritivos de sua natureza e caráter: *Obatala*, contração de *Oba-ti-o-nla*, *o rei que é grande* ou *Oba-ti-ala*, *o rei em vestes brancas*.

Muito antigo, diretamente originado do Ser Supremo, compartilha com Ele alguns nomes: *A-te-rere-k-aiye* = *O que se expande por toda a extensão da terra*; *Eleda* = *Construtor*; *Alabalase* = *o regente que empunha o cetro* (símbolo da autoridade divina); *Ibikeji Edumare* = *Representante de Olodumare*; *Adimula* = *Aquele que é suficientemente forte para nos dar segurança*. Freqüentemente representado pela figura de um ancião com trajes e ornamentos brancos, todos os objetos a ele associados são igualmente brancos, incluindo-se roupas e ornamentos de seus sacerdotes, sacerdotisas e devotos.

As pessoas que nascem defeituosas são chamadas *Eni Orisa* = *Devotos do Orixá* e devem respeitar certos tabus alimentares. Os albinos estão incluídos entre os *Eni Orisa* e seus tabus alimentares são particularmente pesados. Em algumas regiões é costume dizer-se a uma mulher grávida *Ki Orisa ya 'na 're ko ni o* = *Possa Orixá realizar um belo trabalho de arte para nós*. Ouve-se dizer também: *Ki 'se ejo eleyin gan-n-gan*; *Orisa l'o se e ti ko fi awo bo o* = *Os dentuças não devem*

9 Fontes: Idowu, 1977; Awolalu & Dopamu, 1979

envergonhar-se. Foi Orixá quem os fez e não providenciou cobertura suficiente para seus dentes.

Oxalá é cultuado por toda a terra iorubá. Segundo narra a tradição, seu lar de origem é Igbo: *Enití nwon bi l' ode Igbo ti o re j' obal' ode Iranje = Ele que nasceu em Igbo e foi reinar em Iranje*. Em Ile-Ifé é cultuado, pelo menos, sob três nomes. Em Ifon onde segundo algumas tradições a mãe de Oxalá (!) teria nascido, é chamado *Olufon*; em Ijaye, *Orisa Ijaye*; em Owu, *Orisa-Roowu*; em Oba, *Orisa Oloba* e assim por diante¹⁰. Mulheres estéreis pedem a benção de conceber; mulheres grávidas bebem água de seu santuário para terem filhos bonitos; inválidos são tratados com essa mesma água, colhida de manhã bem cedo, devendo a pessoa que vai apanhá-la, permanecer em silêncio total durante a realização dessa tarefa. A água de seu santuário deve ser trocada todos os dias para manter-se pura.

Antigamente apenas as mulheres virgens ou as já velhas, mulheres sem atividade sexual e de indiscutível reputação moral podiam apanhar água em sua nascente. Durante todo o percurso de ida à fonte e retorno, para evitar que lhe dirijam a palavra, a pessoa que apanha a água faz soar continuamente o *agogo*, informando tratar-se de um cortejo sagrado. Oxalá recebe em sacrifício *igbin* (caracol da terra) e banha de *ori*.

Totalmente identificado com a pureza, Oxalá exige alto senso de moralidade por parte de seus cultuadores, que devem ser *como a água da nascente*. O procedimento do devoto de Oxalá deve ser correto e limpo seu coração: *Aiye won a toro bi omi a-f'oro-pon! = Suas vidas serão puras e límpidas como água apanhada logo cedo pela manhã! Oxalá dá a seus filhos motivo para rir e eles riem. Oxalá torna seus filhos prósperos:*

¹⁰ Pode ser oportuno assinalar que é exatamente a mesma divindade que recebe distintos nomes, dependendo da região em que é cultuada e as chamadas "qualidades" de Orixá referem-se, de fato, às qualidades de suas ações nas diferentes localidades por onde passou (conforme o mito)

Alase!
Oh, Portador do Cetro!
Oh, você que multiplica uma única pessoa por 200 !
Multiplique-me por 200
multiplique-me por 400
multiplique-me por 1460 !

Orumilá (Ifá)¹¹

Okitibiri, a-pa-ojo-iku-da

*O grande transformador,
que pode alterar a data da morte*

Orumilá, ou Ifá, a divindade oracular dos iorubás, é respeitado por sua sabedoria. A palavra *Orunmila* forma-se da contração de *orun-l'omo-a-ti-la* = *Somente o Céu conhece os meios de libertação*; resulta também da contração de *orun-mo-ola* = *Somente o céu pode libertar*. A palavra Ifá, por sua vez, tem por raiz *fa*, que significa *acumular, abraçar, conter*, indicando que todo o conhecimento tradicional iorubá acha-se contido no *Corpus* literário de Ifá. Abimbola, um dos mais significativos expoentes no estudo da cultura iorubá, é de opinião que o empenho em traçar rotas de origem de palavras antigas como os nomes dos orixás é tarefa inglória dado que a estrutura dessas palavras impossibilita uma análise autêntica.

Orumilá teria morado num lugar conhecido como Oke Igeti, sendo por isso que alguns de seus *oriki* o chamam *Okunrin kukuru Oke Igeti* = *Homem baixo do Monte Igeti*; *Akere-finu-sogbon* - *Pessoa pequena cuja mente é plena de sabedoria*.

Segundo um de seus mitos, teve oito filhos e alguns discípulos aos quais ensinou os mistérios da adivinhação. Todos os filhos tornaram-se importantes, espalhando-se por muitas regiões da terra iorubá. De acordo com outro mito, Ifá, nascido em Ifé, era um eminente

¹¹ Fontes: Idowu, 1977; Awolalu & Dopamu, 1979. Maiores particularidades a respeito do sistema divinatório de Ifá vide Capítulo 11

adivinhador e um grande curador. Depois de tornar-se famoso, fundou uma cidade chamada Ipetu, dela tornando-se rei passando a ser chamado Alaketu. Era muito popular e considerado grande profeta, sendo procurado por muitas pessoas desejosas de aprender a arte divinatória. Entre todos, ele selecionou dezesseis homens, cujos nomes são idênticos aos dos signos divinatórios chamados *Odu*.¹²

Outro mito conta que o culto de Ifá foi introduzido na terra iorubá por um nupe chamado Setilu, que nascera cego. Seus pais haviam desejado matá-lo, por causa de sua deficiência. Mas ao crescer Setilu foi se revelando uma criança muito especial, surpreendendo os pais por seu poder divinatório. Desde os cinco anos começou a apresentar poderes, contando aos pais por exemplo, quem os visitaria e o que trariam. À medida que foi crescendo dedicou-se mais e mais à prática de *oogun*, magia/medicina tradicional¹³ servindo-se, no início, de 16 seixos para adivinhar. Mas os muçulmanos sentiram inveja dele e o expulsaram do país. Atravessou o rio Niger rumo à cidade de Benin, dali para Owo e de lá para Ado, alcançando finalmente Ifé onde radicou-se e veio a ser famoso. Iniciou muitos de seus seguidores nos mistérios da adivinhação de Ifá, o orixá que viria a ser o oráculo de todo o povo iorubá.

Outros mitos narram que Ifá (Orumilá), em companhia de outras divindades primordiais veio para a terra participar do processo de criação. Teria descido em Ifé, considerada ponto de origem da espécie humana. Orumilá recebeu de Olodumare a incumbência de acompanhar e aconselhar Orixalá, seu senhor e superior hierárquico, e o privilégio de conhecer a origem de todos os orixás, de todos os seres humanos e de todas as coisas. Por isso é responsável pela tarefa de guiar os destinos.

Eleri-ipin - a testemunha (ou defensor) do destino humano presencia o nascimento de todos os seres humanos, momento em que o destino de cada homem é selado. Somente Orumilá conhecedor do *ipin*

12 Conforme exposto no Capítulo 11

13 Vide Capítulo 10

ori - destino do ori pode adequadamente sondar o futuro e orientar quem o procura. Por isso é consultado nos momentos críticos da existência - fundação de aldeias; início da construção de casas; realização de contratos; negociações; início e término de guerras; casamentos; nascimentos.

A palavra Orumilá designa a divindade, enquanto a palavra Ifá designa, simultaneamente, a divindade e o sistema divinatório a ela associado. Para orientar os que o procuram, o sacerdote de Ifá, chamado *babalawo* (pai do segredo), reporta-se ao *Odu Corpus*, conjunto riquíssimo de conhecimentos esotéricos e registros históricos da milenar tradição iorubá. Veste branco e geralmente raspa a cabeça. As regras que deve obedecer incluem a de não aproveitar-se das próprias prerrogativas. Como possui amplos e profundos conhecimentos é procurado por grande número de pessoas, muitas das quais em situação de crise, fragilizadas pelas circunstâncias difíceis que enfrentam, mergulhadas num sofrimento do qual querem escapar, literalmente, a qualquer preço. Esta configuração favorece o abuso de poder. Entretanto, recebem a advertência de não agirem em benefício próprio (para enriquecer, por exemplo), nem de recusarem servir a quem não possa pagar. Se necessário, além de realizar o jogo divinatório sem ônus para o consulente, devem dar-lhe o necessário para encaminhar a solução do problema. Entende-se que o grande privilégio e a grande riqueza do sacerdote de Orumilá reside na oportunidade de estar a seu serviço. Atentemos para o fato de que Ifá pode compreender todos os idiomas da terra, o que lhe possibilita aconselhar todos os seres humanos, sem exceção. O *corpus* narrativo de Ifá guarda a história da maioria dos orixás. Guarda ainda, o ensinamento de curas através do uso de ervas. Por isso, seus sacerdotes devem conhecer, além da prática divinatória, o preparo de remédios. Orumilá tem por irmão mais novo, Ossaim, a divindade da cura, de cujo auxílio *serve-se há 1460 anos*¹⁴.

Ifá é cultuado em toda a terra iorubá. Seu santuário fica na casa do

14 Aqui temos o número 1460 mencionado outra vez, indicando quantidade incomensurável

sacerdote. Seus pertences incluem 16 sementes de palmeira (*ikin*), búzios e pedaços gravados de presa de elefante, guardados num receptáculo colocado em lugar alto num canto ou no centro do cômodo. Aceita em sacrifício óleo de palmeira, obì, orobô, sendo que sacrifícios mais elaborados, podem incluir aves, porcos ou bodes, dependendo da prescrição do oráculo.

Obaluaiye¹⁵

A-soro-'pe-l'erun

Aquele cujo nome não deve ser pronunciado durante a estação das secas

Obaluaiye, palavra constituída pela contração de *Oba-'lu'aiye*, o rei que é o senhor da terra é também chamado *Oluwa Aiye*, Senhor da terra. A ele se pede licença para o uso da terra. Por exemplo, quando um iorubá vai jogar água fora da casa, no chão, normalmente diz: *Ago o Olode! Desculpe-me, ó Olode! Olode* é palavra originária da contração de *Ol'*, abreviação de *Oni* (Senhor ou dono) e *ode* (aberto), significando, pois, *Senhor (ou dono) do aberto*. Sua permissão é solicitada em festas:

Deixe-me obter a permissão do senhor da terra,

Se ele nos permitirá dançar;

A hospitalidade de Obaluaiye é solicitada no cultivo da terra:

O fazendeiro poderia ser extraordinariamente agradado,

O algodão não queimaria

e desagradaria o fazendeiro;

O fazendeiro poderia ser extraordinariamente agradado,

Não manuseamos as ferramentas e desagradamos Olode;

Olode poderia ser extraordinariamente agradado.

É invocado pelos nomes *Ile-gbona*, terra quente e *Baba*, Pai, e não

15 Fonte: Awolalu & Dopamu, 1979

por seu nome original - *Soponna*¹⁶, palavra que em iorubá significa varíola. Senhor da varíola, inspira terror e respeito por punir com essa doença os faltosos.

Seu castigo, como o de Xangô, é considerado punição nobre. Assim, quando alguém morre de varíola, sua morte não deve ser lamentada. Pelo contrário. Deve ser aceita com alegria e gratidão. Daí origina-se outro de seus nomes: *Alapadupe* - *o que mata e a quem devemos ser agradecidos por haver morto*. Alguns anciãos dizem que *Obaluaiye* é irmão mais novo de Xangô¹⁷. Esta crença leva os devotos de Xangô a considerarem-se imunes à fúria de Obaluaiye e os vice-versa. Uma expressão disso é a seguinte: *Não há dano que o irmão mais velho possa infligir aos filhos do irmão mais novo*. Estes orixás são tão familiares entre si que, segundo narrações tradicionais, *Obaluaiye* freqüentemente refere-se a Xangô em tom de brincadeira, dizendo, por exemplo, que quando Xangô vai destruir uma única pessoa, faz enorme alarde, com extraordinários efeitos de luz e som (relâmpagos e raios), enquanto ele próprio destruirá centenas de pessoas silenciosamente.

Obaluaiye proíbe a mentira, o envenenamento e a magia negra. Usa roupa vermelha e viaja quando o sol está bem quente. Por isso, as pessoas são desaconselhadas a usarem roupa vermelha e andarem sob o sol para não lhe causarem aborrecimento. Cuidados especiais devem ser tomados durante a estação das secas, de modo a não adotar nenhum procedimento que possa ofendê-lo. Isto é compreensível porque a varíola é mais freqüente e espalha-se mais facilmente durante esse período. Por ser particularmente atuante durante a estação das secas é chamado *A-soro-'pe-l'erun*, *Aquele cujo nome não deve ser pronunciado durante a estação das secas*.

Seu santuário fica normalmente fora de casa ou da aldeia, às vezes, no bosque. Entretanto, pode permanecer no interior de casa ou da

16 Em português, Xapanã, cf. *Dicionário Aurélio*

17 Chamo a atenção do leitor para o fato de haver um elemento comum às duas divindades - o **fogo** (calor): as febres de Obaluaiye e o poder incendiador de Xangô

aldeia. Em seu assentamento encontramos um pote de barro de boca larga, chamado *agbada*, repousando sobre um montículo de terra. Ao lado, fica uma vassoura especial, feita de *ose potu (sida carpinifolia)* e untada com *osun*.

Ogum¹⁸

Ogun ko ni je o si ewu lona wa

Com a proteção de Ogum não haverá nenhum perigo em nosso caminho.

Ogum, divindade do ferro, da guerra e da caça, é patrono dos ferreiros, caçadores, guerreiros e todos os que lidam com ferro e aço, incluindo-se entre eles os profissionais que realizam tatuagens e circuncisões, os policiais e os cirurgiões.

A tradição narra que Ogum era caçador e costumava descer do *orun* por meio de uma teia de aranha, para caçar. Narra ainda, que quando todas as divindades vieram ao mundo, tiveram dificuldades para encontrar o caminho, competindo a ele abrir clareiras na selva com seu facão mágico, para que pudessem passar. Em consequência disso, foi aclamado por todos como *Osin Imale, chefe entre as divindades*.

Ogum é considerado muito feroz. Qualquer contrato ou juramento selado em seu nome deve ser cumprido. São costumes tradicionais beijar um pedaço de ferro ou morder uma chave para demonstrar compromisso com a verdade e a justiça, em nome de Ogum. Caso o compromisso não seja cumprido ou haja juramento falso, considera-se que o faltoso sofrerá sérias consequências.

Seu santuário é construído na parte fronteira das casas e oficinas de ferreiros. Tem por símbolos mais importantes o ferro, a rocha, fragmentos de metal, a planta *porogun (dracaena fragrans)*, a presa do elefante ou sua cauda. Aceita em sacrifício aves, tartaruga, carneiro, *obi*, orobô, cará, óleo de palmeira e, preferivelmente, cachorros. Sua

18 Fontes: Awolalu & Dopamu, 1979 e Salami, 1996. Este último é trabalho exclusivamente dedicado a Ogum

bebida favorita é o vinho de palmeira.

Xangô¹⁹, senhor dos raios, relâmpagos e trovões

*Sango oluaso akata yeriyeri
Olukoso, eegun ti n yona lenu*

*Sango Oluaso, o dragão faiscante
Olukoso, a divindade que lança fogo pela boca.*

Xangô, o quarto rei (*Alafin*) de Oyo, pertencia a uma família temida e respeitada. Governava a cidade de Eyeo (Katunga). Filho de Oranyan, o poderoso guerreiro, por sua vez, filho de Odudua, teve muitas esposas, entre as quais Oyá, Oxum e Obá. Destemido, poderoso e grande conhecedor de magia, gostava de exhibir seu poder, por exemplo, lançando labaredas de fogo pela boca, ao falar. De índole irascível, seu procedimento o levou a perder o respeito de seus conselheiros e do povo em geral.

Tendo causado desentendimento entre dois de seus conselheiros estimulou a discórdia gerada, provocando uma briga que culminaria na morte de um deles. Esse fato repercutiu e ele tornou-se odiado por seus súditos. Não podendo suportar tal situação, fugiu da cidade de Oyo, sem destino. Andava a esmo acompanhado apenas por Oyá, Oxum e Obá, pois seus mensageiros, entre os quais, Osunare, Dada, Oru e Timi, já o tinham abandonado. Ao chegar ao limite da cidade, antes de deixar Oyo, voltou-se para trás e viu que apenas Oyá o acompanhava. Sua tristeza aumentou e, sem saber o que fazer, aproximou-se de uma árvore chamada *ayan*, plantada à beira da estrada e ali se enforcou. Esse lugar viria a ser chamado Koso (*não se enforcou*). Após sua morte, Oyá caminhou rumo à cidade de Irá e no caminho transformou-se no rio que ficaria conhecido como rio Oyá (*odo Oya*).

Quando a notícia de que o rei se enforcara chegou à cidade, o povo clamava: "*Oba so! Oba so!*" - *O rei se enforcou! O rei se enforcou!* Isto provocou irritação nos amigos que haviam permanecido fiéis ao rei.

19 Fontes: Awolalu & Dopamu, 1979 e Salami, 1990. Este último, exclusivamente dedicado a Xangô, Oyá, Oxum e Obá

Porém, estes constituíam minoria, sem poder de revide. Dirigiram-se então à cidade de Ibariba, aprenderam artes de magia e voltaram para vingar o nome do amigo. Capazes agora, de provocar fogo espontâneo, começaram a incendiar as casas dos ofensores. A situação se agravava quando ao fogo associavam-se vendavais, aumentando o número de casas destruídas. Atemorizados e desejando apaziguar o furor de Xangô, os cidadãos de Oyo mudaram a expressão *Oba so - O rei se enforcou*, para *Oba Koso - O rei não se enforcou*.

Xangô tornou-se orixá em Oyo e seu culto espalhou-se rapidamente pela terra dos iorubás, vindo ele a ser um dos orixás mais cultuados. Considerado não apenas feroz, mas também generoso, provedor de filhos, dinheiro, curas e, especialmente, justiça, abomina falsidades, mentiras, roubo e envenenamento.

Há uma grande quantidade de mitos nos quais Xangô figura como personagem principal. Alguns apresentam muita semelhança com estes aqui apresentados e outros, muitas diferenças. Um deles, por exemplo, o apresenta como filho de Iemanjá, conforme o *oriki*: *Omo olomi ti nje Iyemoja, Filho da mãe d'água que se chama Iemanjá*. É geral, entretanto, sua identificação com *Jakuta - aquele que briga com pedras* - a primitiva divindade dos raios, relâmpagos e trovões.

Somente os *-Baba-mogba*, sacerdotes de Xangô ou as *Iya-Sango*, suas sacerdotisas, podem responsabilizar-se pelos ritos fúnebres realizados para as vítimas de raio. As punições de Xangô são consideradas nobres e as mortes por raio não devem ser lamentadas. Sendo a casa atingida por um raio, seus moradores se afastam dela temporariamente, cedendo lugar aos *Baba-mogba* para que ali realizem os rituais necessários.

Os devotos de Xangô usam colares de contas vermelhas e brancas e seu sacerdote, que geralmente não corta o cabelo, trança-o como as mulheres. Seus santuários, espalhados por toda a terra dos iorubás, consistem numa estaca de três pontas, em cuja forquilha fica uma gamela contendo machados comuns e de pedra, chamados *edun ara*

(pedra de raio), considerados os instrumentos de punição. Xangô aceita em sacrifício, búzios, cabras, carneiros, touros e aves. O povo lhe pede paz, vida longa, bem-estar material, prosperidade e proteção contra o perigo de males ocultos.

Divindades femininas

Oyá, Iemanjá, Oxum, Obá, Nanã Buruku (Omolu)

Oyá²⁰, senhora dos ventos e tempestades

Oya Oriri

*Oyá tão linda
que não se pode tirar os olhos de cima dela*

*Ekun ti nje ewe ata
Leopardo fêmea que come pimenta crua*

Assim como os raios, relâmpagos e trovões são atribuídos a Xangô, os fortes ventos e as tempestades são considerados expressões do descontentamento de Oyá. A origem mítica do rio Níger (*Odo Oya*) é associada, também, a esta divindade. Um *odu* de Ifá, apresentado por Salami (1990), faz a seguinte narração dessa origem: Em tempos de guerra, o rei dos nupe consultou o oráculo para saber como prevenir-se contra uma invasão. Ifá disse ao rei que, caso encurralado, desse uma peça de tecido negro para ser rasgado por uma virgem. Entre as virgens, o rei elegeu sua própria filha. Diante do pai, dos oráculos e generais, a jovem rasgou o tecido negro: *O ya - Ela cortou*. Atirou as duas partes no chão, sob o olhar esperançoso do povo nupe. O pano transformou-se em negras águas que começaram a fluir, transformando o núcleo do reino numa ilha protegida.

Alguns mitos a apresentam como originária da cidade de Irá. Outros, como nascida na ilha fluvial de Jebba, em terra nupe, também local de origem de Torosi, mãe de *Xangô*. Oyá era esposa de Ogum e lutava lado a lado com o marido, usando espadas forjadas por ele. Um dia Xangô, elegante e atraente, chegou à Forja de Ougam. Envolveu-se

20 Fonte: Salami, 1990

em amores com Oyá e, ao surgir uma oportunidade fugiram juntos enquanto Ogum estava muito compenetrado em seu trabalho. Mais tarde, ao dar-se conta do ocorrido, procurou a mulher por toda parte e terminou por encontrá-la na floresta. Golpearam-se mutuamente com as espadas, sendo Ogum partido em sete e Oyá em nove partes. Conforme Salami (1990), *havia dezesseis rainhas rivais, competindo pelo privilégio de ter a preferência de Xangô. Oyá foi a vitoriosa, graças a seu charme, personalidade e elegância de movimentos.*

Alguns de seus *oriki* assim a evocam:

*Ela é grande o bastante para carregar o chifre do búfalo
Oyá, que possui um marido poderoso
Mulher guerreira, mulher caçadora
Oyá, a charmosa,
que dispõe de coragem para morrer com seu marido
Vendaval da Morte
A mulher guerreira que carrega sua arma de fogo
Quando anda, sua vitalidade é como a do cavalo que trota
Eepá, Oyá, que tem nove filhos, eu te saúdo!
O que Xangô disser, Oyá vai interpretar
Vocês não sabem que Oyá vai entender
o que Xangô nem acabou de dizer?
O que ele quiser dizer, Oyá é quem dirá
Oyá, Leopardo fêmea que come pimenta crua
Oyá, o orixá que apoia seu marido
Mulher poderosa e forte, possui um corpo perfeito
Oyá, a charmosa e elegante, a mulher bela
O Grande Vendaval, que também venta suavemente.*

Há um mito que a descreve como tendo nascido em Iwo. Essa versão a apresenta como uma mulher que vivia triste por não conseguir casamento e que após perambular pelas cidades a esmo, foi encontrada por sua família em Irá. No retorno para casa encontraram Xangô acompanhado de uma de suas esposas: Oxum. Assim que viu Oyá, quis casar-se com ela e foi aceito imediatamente. Ela veio a ser sua esposa predileta: *Entre os dezesseis orixás femininos nas mãos de Xangô, Oyá se destacou por sua beleza, elegância e força.*

Recebe cultos em toda a terra iorubá, principalmente por parte das mulheres. Seu santuário guarda objetos simbólicos - a espada, o chifre de búfalo e pedras originárias do rio Oyá; um pote com *agbo* (água para banhar os iniciados); água pura, para ser bebida por mulheres que desejam tornar-se férteis ou por pessoas doentes; o assentamento de Xangô ou uma estatueta que o represente. Os iniciados preferem beber desta água em lugar de outra qualquer, pois ela contém o axé do orixá. As contas dos colares dos devotos de Oyá são de cor marrom.

Iemanjá²¹, senhora de todas as águas

*Diante da casa da senhora dos barcos brota a prosperidade
No quintal da senhora dos barcos brotam pérolas
Iemanjá de seios fartos, somos os filhos das águas*

Oxum, senhora das águas que fluem suavemente, senhora dos rios, dos metais nobres, da fertilidade e da prosperidade

Oxum, graciosa mãe, plena de sabedoria!

A estreita associação entre Iemanjá e Oxum permite que essas duas divindades sejam apresentadas em conjunto. Narra o mito, ter sido Oxum a primeira filha de Iemanjá. Esta, não conseguindo engravidar, consultou Ifá, recebendo a recomendação de dirigir-se ao rio próximo a sua casa antes do alvorecer, a cada cinco dias, levando oferendas e carregando um pote pintado de branco sobre a cabeça, sempre acompanhada por um grupo de crianças cantando em coro. As oferendas incluíam *egbo* (canjica branca), *yanrin* (verdura), *ekuru*

21 Fonte: Salami, 1990

(inhame cozido e amassado com dendê), *eko* (mingau de milho branco), *obi* e *orogbo*. Chegando ao rio deveria encher o pote de água e retornar, sempre acompanhada pelo coro infantil. A água devia ser despejada num pote chamado *awe* e durante o intervalo entre as caminhadas ao rio deveria beber dessa água e banhar-se com ela.

Após repetir esse ritual durante muito e muito tempo, Iemanjá finalmente engravidou. Não interrompeu as práticas rituais que foram se tornando cada vez mais penosas à medida que o processo gestacional se adiantava. Uma manhã, logo após entregar as oferendas, sentiu forte dor. Pediu às crianças que se afastassem, ajoelhou-se e logo ouviu o choro do bebê: nascera Oxum! Chamou as crianças e pediu a uma delas que fosse dar a notícia a Orumilá que, muito feliz, enviou um mensageiro para saudá-la.

No terceiro dia o umbigo da criança começou a sangrar e a despeito dos cuidados de Iemanjá, o sangue não estancava. Ifá foi consultado e configurou-se o *Odu Ose Orogbe*²²:

A que possui uma gamela onde guarda dinheiro

Graciosa mãe, dona de muitos conhecimentos

que enfeita seus filhos com bronze

Ifá orientou quanto aos novos rituais necessários, complexos rituais que incluíam um *agbo tutu*, banho frio. Por isso, crianças nascidas graças à ajuda de Oxum, chamadas *olomi tutu*, *aquele que usa água fria*, devem banhar-se com água fria, seja qual for a temperatura ambiente²³.

Iemanjá sentia-se insegura quanto à saúde da filha e pediu ajuda a Ogum. Oxum estava apenas com seis dias de vida, quando ele adentrou a mata e, sob orientação de Ossaim, orixá da essência do mundo

22 No jogo *erindilogun*, dos dezesseis buzios, ose é a fala de Oxum

23 Não esqueçamos que *qualquer temperatura ambiente* na terra iorubá é sempre temperatura elevada. Pode ser um equívoco aplicar o mesmo princípio em países de clima frio

vegetal, apanhou folhas de *yanrin* e pimentas verdes e as colocou inteiras no pote. Somente quando a saúde da criança firmou, foi seu nome revelado por *Ogun*: *Ose-n'ibu omi - Oxé nas profundezas das águas*.

Oxum

Um texto citado por Elbein dos Santos (1986) refere-se a Oxum da seguinte maneira: *No tempo da criação, quando Oxum estava vindo das profundezas do orun, Olodumare confiou-lhe o poder de zelar por cada uma das crianças criadas por Orixá, que nasceriam na terra. Oxum seria a provedora de crianças. Ela deveria fazer com que as crianças permanecessem no ventre de suas mães, assegurando-lhes medicamentos e tratamentos apropriados para evitar abortos e contratempos antes do nascimento ... Não deveria encolerizar-se com ninguém a fim de não recusar crianças a inimigos e conceder gravidez a amigos. Foi a primeira Iya-mi encarregada de ser Olutoju awom omo - aquela que vela por todas as crianças e Alawoye omo - a que cura crianças*.

Em seus *oriki* assim é evocada:

Oxum, graciosa mãe, plena de sabedoria!

Que enfeita seus filhos com bronze

Que fica muito tempo no fundo das águas gerando riquezas

Que se recolhe ao rio para cuidar das crianças

Que cava e cava a areia e nela enterra dinheiro

Mulher poderosa que não pode ser atacada

Mulheres louvam a fertilidade trazida por Oxum, repetindo: *Yeye o, yeye o, yeye o. Oh, graciosa mãe, oh, graciosa mãe, oh, graciosa mãe!* Alguns mitos referem-se a ela como *Osun Osogbo - Oxum da cidade de Osogbo*, outros enfatizam sua proximidade com Logunedé, ora

apresentado como filho, ora como mensageiro, havendo entre ambos tão estreita relação que chegam a ser considerados complementares. Outros mitos, ainda, a apresentam como esposa de Ifá. E aqueles que a apresentam como esposa de Xangô narram que ao tomar conhecimento da morte do marido, ficou desesperada, transformou-se num rio.

Bastante cultuada em Osogbo, é considerada também, a divindade protetora de Abeokuta. Seus devotos freqüentemente dedicam-lhe um córrego ou rio, chamando-o de *odo Osun - rio de Oxum*, ao lado do qual colocam o santuário. Chamada *mãe das crianças*, a ela pertence a fertilidade de homens e mulheres. Todo ano, por ocasião do festival realizado em sua homenagem, mulheres estéreis tomam água de seu santuário esperando retornar no ano seguinte com os filhos por ela concedidos, para agradecerem a graça alcançada. Não apenas a fertilidade pertence a Oxum. A prosperidade também. Além disso, confere a seus devotos a desejada proteção contra acontecimentos adversos. Assim sendo, é invocada nas mais distintas circunstâncias, pois não há o que não possa fazer para ajudar seus devotos.

Os sacerdotes de Oxum, normalmente, trançam os cabelos de modo feminino e usam colares feitos de contas transparentes da cor do âmbar²⁴, tornozeleiras, braceletes e diversos objetos de bronze e metais amarelos. Seu assentamento guarda o *ota* (pedra); uma espada de metal amarelo ou um leque; uma tornozeleira; alguns búzios; moedas; pente; *peregum*; tecido branco. Ao lado fica um pote de água com seu axé. Em muitos assentamentos encontramos, também, estatuetas representando uma mulher de cabelos trançados, segurando um bebê ou amamentando. É comum encontrarmos o assentamento de Logunedé junto ao de Oxum.

Aceita em sacrifício: galinha, gin, *osun* (espécie de giz vermelho), obi, *ole* (prato preparado com feijão moído), *akara* (bolinho parecido com o acarajé brasileiro) e *eko* (mingau preparado com amido de milho branco).

24 Essas contas transparentes cor de âmbar são um dos principais itens no preparo de *awure* - magia que traz sorte

Obá²⁵

E ke s'obinrin Sango

*Para um caso que não se sabe como resolver
chame a mulher de Xangô.*

Entre as esposas de Xangô, Obá ocupava o último posto. Inferiorizada em relação às demais por julgar-se incompetente para cozinhar e para vestir-se com elegância, de natureza frágil e dócil, por demais condescendente, tolerava muitas coisas que a desagradavam. Foi a primeira esposa a abandoná-lo quando ele ficou desesperado por haver destruído com magia seus bens e parte de seu povo. Ao deixar a casa, sem saber para onde ir nem o que fazer, pôs-se a chorar amargamente, desfazendo-se em lágrimas até transformar-se por completo num rio - o *odo Oba*. O grande estrondo verificado na confluência dos rios Oxum e Obá, é atribuído à rivalidade entre ambas.

Em seus *oriki* assim é evocada:

Oh Obá, mulher ciumenta, esposa de Xangô

vem correndo ouvir a nossa súplica

Obá, Obá, Obá

Orixá ciumento, terceira esposa de Xangô

Ela, que por ciumes fez incisões ornamentais na pele

Que fala muito de seu marido

que anda nas madrugadas com as ayé

Obá, paciente, que come cabrito logo pela manhã

Obá não foi com o marido até Koso

ficou para discutir com Oxum sobre comida

... tomaram o marido de Obá

Obá entristeceu

Aceita em sacrifício: cabrito, galinha, galinha d'Angola, pato

25 Fonte: Salami, 1990

branco, pombo, *igbin* (caracol), *obi*, *orogbo*, pimenta da costa, canjica, *eko* e *gin*.

Nanã Buruku²⁶

*Oh, Buruku, o que te peço, se não quiseres conceder,
é da tua conta!* (oração ewe)

*Oh, Buruku, deixa-me negociar
sem nenhum proveito!* (oração iorubá)

Entre os ewe e os fon da República do Benin (Daomé) Deus é conhecido como *Nanã Buluku*. Adotada pelos *egba* sob o nome *Buruku*, veio a ser cultuada entre os iorubás como divindade e não como o Ser Supremo. Em ewe e fon, a expressão *Nana Buruku* tem o seguinte significado: *Nana* = *velho* ou *antigo* / *buruku* é o nome de Deus. Assim, *Nanã Buruku* significa *Deus Antigo*. Foi levada para Abeokuta pelos sabe, um povo vizinho, mais especificamente, por uma mulher escrava e é considerada particularmente poderosa por ser filha do Ser Supremo. Por essa razão é chamado também de Omolu, literalmente, *filho de Deus* (*Omo Oluwa*: *Omo* = filho / *Oluwa* = Deus).

Tanto os ewe como os *egba* consideram *Buruku* andrógino. Entre os iorubás, é chamado *Buruku*, o aspecto masculino e *Omolu*, o feminino²⁷. É cultuada principalmente por mulheres, sendo as formas ritualísticas semelhantes às adotadas pelos ewe e fon em seus cultos a *Nanã -Buruku*, o Ser Supremo.

Buruku, considerado uma divindade de temperamento difícil, responsável por muitas misérias e adversidades, se devidamente apaziguada, revela-se poderosa e benevolente. Seus iniciados não devem faltar às obrigações de culto, sob pena de tornarem-se vítimas de infortúnios. Os recém-nascidos, mulheres em adiantado estágio de

²⁶ Fonte: Awolalu & Dopamu, 1979

²⁷ É interessante assinalar que no Brasil Omolu e Obaluaiê são considerados como a mesma divindade (masculina), enquanto *Nanã Buruku* é considerada uma divindade feminina, sincretizada com Sant'Ana, a avó materna de Jesus

gravidez, mulheres menstruadas ou que acabaram de ter relações sexuais são proibidas de aproximarem-se do santuário. Apenas após a menopausa podem as mulheres tornarem-se sacerdotisas de *Nanã Buruku* e são as únicas autorizadas a oferecer sacrifícios, devendo os demais permanecer do lado de fora do santuário.

Seu santuário possui, geralmente, dois aposentos, num dos quais se guarda os objetos sagrados, nele podendo entrar apenas a sacerdotisa e quatro ou cinco de suas co-oficiantes. Entre os *ewe*, os assentamentos de *Buruku* freqüentemente ficam a céu aberto. Consistem num montículo de barro no qual estão embutidos dois ou três potes de cerâmica de boca voltada para baixo. Tais potes permanecem ocultos a olhos profanos. Nanã aceita em sacrifício água fria, obi, orobô, óleo de palmeira, banana, mingau e animais.

Em seu santuário é guardado o *edon* (metal), que consiste em imagens gravadas em ferro, uma representando o aspecto masculino da divindade e outra o feminino. Ali são guardadas também outras imagens belamente esculpidas em madeira, com distintos formatos, algumas representando mulheres grávidas ou carregando bebês às costas, ou oferecendo o seio ao filho. Tais imagens, expressões dos tabus da divindade, são retiradas do santuário e carregadas em procissão nos festivais anuais, que duram três meses.

Durante o festival em sua homenagem os aspirantes à iniciação recebem instruções e perdem temporariamente a capacidade de falar: regridem a estágios anteriores do desenvolvimento e falam como criancinhas que estivessem ainda aprendendo. No final desse período, resgatam a capacidade lingüística e retornam para casa entre canções e outras expressões de regozijo.

Ancestrais

Quando Olorun procurava matéria apropriada para criar o homem todos os eborá partiram em busca da tal matéria. Trouxeram diferentes coisas mas nenhuma era adequada. Foram buscar lama, ela chorou, derramou lágrimas e nenhum eborá quis tomar da menor parcela. Então Iku, ojegbe-alaso-ona, apareceu, apanhou um pouco de lama - eerupe - e não teve misericórdia de seu pranto. Levou-a a Olodumare, e este pediu a Orisala e a Olugama que a modelassem e foi Ele mesmo quem lhe insuflou seu hálito. Mas Olodumare determinou a Iku que, por ter sido ele a apanhar a porção de lama, deveria recolocá-la em seu lugar a qualquer momento. E é por isso que Iku sempre nos leva de volta para a lama. (Elbein dos Santos, 1988:107)

Neste fragmento de uma das versões do mito de origem do homem encontramos *Ikú*, a morte, palavra que em iorubá é do gênero masculino, participando significativamente do processo de criação. Retomando o que foi dito no início deste capítulo, os *irúnmalè-entidades divinas* acham-se associados à origem da criação, enquanto os *irúnmalè-ancestrais*, associam-se à história dos seres humanos.

Os ancestrais masculinos, chamados *Baba-égún* e os ancestrais femininos, chamados *Iyá-àgbà* ou *Iyá-mi*, possuem instituições próprias. Assim como os ancestrais masculinos têm instituição na Sociedade *Egúngún*, sua contraparte feminina, os ancestrais femininos, têm instituição na Sociedade *Gèlèdé* e também na Sociedade *Egbé Eléékò*.

Gelede, o poder ancestral feminino: restituir para restaurar a força

A Sociedade *Gelede*, integrada por homens e mulheres, cultua as *Iya-agba*, também chamadas *Iyami*, que simbolizam aspectos coletivos

do poder ancestral feminino. Dirigida pelas *erele*, mulheres detentoras dos segredos e poderes de *Iyami*, cuja boa vontade deve ser cultivada por ser essencial à continuidade da vida e da sociedade, o culto tem por finalidade apaziguar seu furor; propiciar os poderes místicos femininos; favorecer a fertilidade e a fecundidade e reiterar normas sociais de conduta. Seu festival é realizado anualmente, por ocasião da colheita de inhame, e dura sete dias.²⁸ Quando Iku devolve à terra o que lhe pertence, tornam-se possíveis os renascimentos. Assim considerada, a morte é instrumento indispensável de restituição.

King Sikiru Salami e Akin Agbedejobi registraram em vídeo o Festival de Gelede realizado em Ago-Egun na cidade de Abeokuta, estado de Ogun, Nigéria, no ano de 1990. A título de ilustração, o descrevo para tecer depois, algumas considerações sobre o poder ancestral feminino, elegendo, dentre as múltiplas possibilidades de abordagem desse tema, a que privilegia “a restituição como possibilidade de restauração da força” e que convida a refletir sobre o valor da restituição no quadro ético e moral dos iorubás.

Breve descrição do Festival de Gelede em Ago-Egun, 1990

Os tambores falantes permanecem fixos na praça. A música fala por si. Em torno dos tambores dança Gelede incorporada em homens, uma vez que apenas homens incorporam essa força. Inicia-se o festival com a saída de Ogum, que dança carregando sobre a cabeça um recipiente de metal onde ardem altas chamas de fogo. Seguem-no quinze outros orixás. Sai finalmente Gelede, incorporada nos homens ou meninos que por recomendação de Ifá são ou estão sendo preparados como sacerdotes do culto. O auge do festival é marcado pela saída do superior hierárquico do grupo, representado nessa ocasião particular, pela figura de um gorila com aproximadamente dois metros e meio de altura, longos braços rigidamente estendidos na horizontal, ao lado do corpo. O líder sai apenas no terceiro e no sétimo (último) dias para participar

²⁸ No Brasil (Bahia), a festa de *Gelede*, realizada no candomblé do Engenho Velho, era comemorada no dia 8 de dezembro, em Boa Viagem sob a condução da ialorixá Maria Júlia Figueiredo, que recebia o nobre título de *Iyalode-erele*

dos festejos. Gelede, incorporada nesse sacerdote, dança continuamente e seus longos braços ameaçam tocar as pessoas que também dançam alegres a seu redor. Todas as pessoas realizam movimentos de modo a evitar qualquer contato físico com esses longos braços porque, segundo a crença, tornar-se-iam irremediavelmente surdas. A vestimenta dos demais homens e meninos que incorporam Gelede caracteriza-se por uma grande máscara representativa de algum animal e as vestes são constituídas por grandes tiras de pano colorido - os *gele* - panos usados diariamente como turbantes pelas mulheres. As máscaras usadas no Festival são os assentamentos de Gelede.

Durante todos os sete dias do Festival os participantes abandonam a praça e caminham pelas ruas, acompanhando Gelede que, incorporada em vários homens, durante o dia todo, recolhe-se ao anoitecer. Muitas cantigas são entoadas. Entre elas as chamadas *cantigas de efe* que referem-se, a comportamentos inadequados de homens, mulheres e crianças do grupo durante o ano transcorrido, em tom de brincadeira, tornando-os de conhecimento público.

Ao discorrer anteriormente sobre o axé, fiz referência ao fato de estar essa força sujeita a algumas leis uma das quais determina que, uma vez transferido a seres e objetos, neles mantém e renova o poder de realização. Como tudo o que vive necessita de axé e este é desgastável, é imperiosa a necessidade de reposição. Consideremos a questão da morte e dos renascimentos. A representação coletiva dos ancestrais é Iku, Morte, símbolo masculino relacionado com a terra. Os renascimentos dependem dos ancestrais e sua matéria de origem é a lama. *Iku*, conforme narra o mito²⁹, restitui à terra o que lhe pertence, permitindo, assim, os renascimentos e, desse ponto de vista, Morte é um instrumento indispensável de **restituição** e um símbolo importante. Restituir é restituir o axé.

29 Vide mitos cosmogônicos no Capítulo 5

Poder genitor feminino

A unidade formada pela conjunção *orun/aiye*, dois níveis de existência inseparáveis, é simbolizada por *igba-odu* ou *igbadu*, cabaça cuja metade inferior representa o *aiye* e a superior, o *orun*. Em seu interior acham-se contidos elementos-símbolos. A metade superior da cabaça, representativa de *orun*, dimensão espiritual, princípio masculino, cobre a metade inferior, representativa de *aiye*, dimensão material, princípio feminino. Oxalá e Odudua, respectivamente princípio masculino e feminino, disputam entre si o título de orixá da criação, numa expressão da disputa entre o homem e a mulher pela supremacia.

Os *irunmale* da esquerda, liderados por Odudua, constituem o grupo de todas as entidades espirituais que detêm o poder genitor feminino. Novos seres têm origem no interior da matéria genitora feminina fecundada. A terra e a água - dos mares, rios, lagos e mananciais, água-sangue da terra, são os elementos veiculadores do axé genitor feminino (a água das chuvas é água-semen, portanto masculina). Odudua, representação coletiva suprema do poder genitor feminino, recebeu o elemento terra das mãos de Olorun, o Ser Supremo, e com ele criou *aiye*, o mundo.

Alguns orixás femininos, *irunmale*-divindades da esquerda, acham-se relacionados às *Iya-agba*, ancestrais femininos, do *Egbe Eleye*, sociedade das *possuidoras de pássaros*. Dentre eles, Nanã, como expressa seu oriki: *Omo Atioro oke Ofa/Filha do poderoso pássaro Atioro, da cidade de Ofa*; Oxum, *Iyami-Akoko*, mãe ancestral suprema e Iemanjá, *Ye omo eja/Mãe dos peixes-filhos*, esta última, relacionada ao poder genitor mais do que à gestação. Entre elas, a mais estreitamente associada à morte, à terra, à lama e aos lagos e fontes - águas contidas na terra, é Nanã. *Na*, raiz proto-sudânica ocidental, significa *mãe*. Sua qualidade maternal e sua relação com a lama e a terra úmida a associam à agricultura, à fertilidade e aos grãos. Seu aspecto de força genitora a faz pertencer ao branco, conforme revela um de seus *oriki*,

mencionados por Elbein dos Santos (1986:82) - *Nana funfun lele/ Nanã branca branca-neve*. Simultaneamente, por estar associada a processo e interioridade, pertence ao preto. São seus filhos os mortos e os ancestrais e o segredo ou mistério que se opera em suas entranhas é expresso pela cor azul-escuro que a representa.

As *Iya-agba* (as anciãs, pessoas de idade, mães idosas e respeitáveis), também chamadas *Agba*, *Iyami* (minha mãe), *Iyami Osorongá* (minha mãe Oxorongá), *Ajé*, *Eleye* (Senhora dos pássaros), representam os poderes místicos da mulher em seu duplo aspecto - protetor e generoso / perigoso e destrutivo. Verger (1994) recorreu a algumas histórias de Ifá para demonstrar a ambivalência no que diz respeito às *Iyagba*. Quando Olodumare pergunta a *Iyami* como se servirá dos pássaros e do próprio poder, responde que **matará** aqueles que não a escutarem e **concederá** dinheiro e filhos aos que pedirem. Uma história do *Odu Ogbe Osa* conta que, quando as *Iya-mi-eleye* chegaram ao *aiye*, distribuíram-se sobre sete árvores, representando sete tipos de atividades distintas: *sobre três dessas árvores trabalharam para o bem; sobre outras três, trabalharam para o mal; sobre a sétima elas trabalharam tanto para o bem quanto para o mal.*³⁰

Verger refere-se ao fato de serem as *Iyami* conhecidas principalmente como mulheres velhas, proprietárias de uma cabaça que guarda um pássaro, podendo transformar-se elas próprias em pássaros. Apreciadoras de sangue humano, realizam trabalhos maléficos e organizam reuniões noturnas na mata. No entanto, longe de serem excluídas da sociedade são, ao contrário, tratadas com grande respeito e consideração. O poderio de *Iyami*, principalmente atribuído às mulheres já velhas, pode, em certos casos, pertencer igualmente a jovens que o recebem por herança ou o adquirem das mais velhas. Diz Santos que o significado de *Iya-mi* foi *deteriorado* pelo trabalho de pesquisadores estrangeiros, transformando a *Iya-mi*, nossa mãe, sustentadora do mundo, em bruxa, no sentido pejorativo do termo. Despojada de sua função primordial de geradora da vida, ficou reduzida à condição de

30 Verger, P. - "The Yoruba High God" in *Odu*, vol. 2, n. 2, p. 147

força destrutiva.

Gelede

Durante o festival as representações litúrgicas enfatizam a fecundidade e a feminilidade. O poder das *Iyami* é representado por *efe*, o pássaro-filho, símbolo do masculino e do elemento procriado. A presença de *efe*, que sai do mato na escuridão da noite como se saísse do interior de *igba-nla*, a grande cabaça, assegura a boa vontade das *Iyami* e seu poder de fecundação e gestação. Mencionamos anteriormente que entre as cantigas entoadas por ocasião do Festival de Gelede incluem-se as cantigas de *efe*, que fazem referências, em tom de brincadeira, a comportamentos inadequados de homens, mulheres e crianças do grupo durante o ano transcorrido entre um festival e outro, tornando-os de conhecimento público. Cumprem pois, entre outras, a função de controlador social, por veicularem normas e regras de relações, de ética, de disciplina moral do grupo, sob a autoridade do poder ancestral que está sendo cultuado. Transcrevemos, para ilustrar, um *orin Gelede* (cantiga de Gelede) recolhido por Salami (1993):

Quando algo cai e quebra

revela-se o segredo de seu interior.

Quando algo cai e quebra

revela-se o segredo de seu interior.

Quando um ovo cai no chão

se despedaça.

Quando algo cai e quebra

revela-se o segredo de seu interior.

Quando o ovo cai no chão

se despedaça, revelando o segredo de seu interior.

Aqui está Gelede, o segredo das sábias.

Restituir: restaurar a força

Vimos que as *Iyami*, também chamadas *Eleye*, *Aje*, *Eniyan*, *Iya-agba*, para poderem cumprir sua função necessitam ser fecundadas, umedecidas, restituídas. A terra, associada ao que é seco e quente, precisa ser umedecida continuamente, recuperar o “sangue branco” para poder propiciar novos alimentos.

Diz Elbein dos Santos (1986:81): *Para engendrar, Nanã precisa ser constantemente ressarcida. Recebe em seu seio os mortos que tornarão possíveis os renascimentos. Esse significado aparece manifestamente em um de seus oriki: Ijuku-Agbe-Gba/ Inabitado país da morte, vivemos (e nele) iremos ser recebidos. A restituição é expressa também pelo fato de Nanã carregar na mão direita um *ibiri*, que significa meu descendente o encontrou e o trouxe de volta para mim.*

A terra, *igba-nla*, a grande cabaça, recebe os corpos mortos que lhe restituem a capacidade genitora e tornam possíveis novos nascimentos. Assim, todo renascimento está relacionado com os ancestrais. A restituição e o renascimento estabelecem e preservam as relações entre *orun* e *aiye*. Por isso os ancestrais garantem a continuidade da vida no *aiye*.

Os **orixás**, associados a elementos cósmicos ou à natureza, significam matérias simbólicas de origem enquanto os **ancestrais**, significam princípios de existência genérica a nível social. Uns e outro são genitores. Na feliz expressão de Elbein dos Santos (1986:220), são *matérias-massas* de cuja interação nascem ou se desprendem *descendentes-porções*. Para preservar a dinâmica e o equilíbrio entre os componentes do sistema é preciso restituir, redistribuir o axé. O nascer e o renascer podem ser entendidos como um processo de desprendimento de uma porção da matéria-massa de origem, o que determina perda de axé dessa *massa genitora*. A restituição exige transformação: de existência individualizada a genérica, passando pela morte e, na outra via, de existência genérica a individualizada, no

nascimento e renascimento de descendentes-porções, cada qual parte integrante de um único todo.

Toda restituição demanda destruição de matéria individualizada que, uma vez reabsorvida, nutre a massa genitora restaurando seu axé. Talvez esteja nessa necessidade imperiosa de ser constantemente ressarcida e umedecida para poder procriar com abundância a razão da já mencionada ambivalência do poder feminino, tão freqüentemente expressa em mitos e ritos.